

Cinco coisas que você precisa saber sobre transexualidade



Nesta edição, o *Informe INCA* dá início a uma série de matérias com assuntos relacionados à Comissão de Equidade, Diversidade e Inclusão. O primeiro tema será a transexualidade. Uma pessoa trans é alguém que experimenta uma identidade de gênero (identificação como homem, mulher ou não binário) que é inconsistente com as expectativas de seu sexo atribuído.

A pedagoga e jornalista Sara Wagner York, mestre e doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com ênfase em Estudos de Gênero, Sexualidade e Educação, foi a consultora para a abordagem dos tópicos desta reportagem.

1. O direito ao nome social é fundamental para travestis e transgêneros

O nome social é um direito garantido a todas as pessoas pela legislação brasileira, por meio do pedido de pessoas trans (transexuais, transgêneros, travestis e não binárias), para que possam ser reconhecidas pelo nome com o qual se identificam, independentemente daquele que consta em seus documentos desde a infância. O nome é uma forma de as pessoas se definirem. Algumas não se identificam com sua identidade biológica e adquirem uma identidade de gênero que difere do sexo atribuído ao nascer. Então, elas podem preferir ser chamadas por um nome que as faça ser reconhecidas com seu gênero, o chamado nome social, que deve ser interpretado como um direito relacionado à dignidade da pessoa humana. Respeitar o nome – e também os pronomes escolhidos por elas – é uma questão de dignidade. A adoção do nome social pode gerar alterações como a inclusão desse nome no sistema de saúde e/ou no registro dos filhos. Respeitar o nome social é uma forma de evitar constrangimentos no trabalho, na escola ou em atendimentos médicos.

2. Capacitação, respeito ao nome social e canais de comunicação criam ambientes seguros e inclusivos na área da saúde para pessoas trans

É essencial a capacitação de todos os membros da equipe de saúde para que saibam lidar com a diversidade de gênero. Isso pode incluir a compreensão dos desafios enfrentados pelas pessoas trans, bem como a aprendizagem de terminologias e práticas respeitadas. É preciso respeitar o nome social

e o jeito de ser e estar no mundo, bem como aplicar políticas de antidiscriminação. Deve-se oferecer um canal aberto, direto e seguro para que as pessoas trans tenham liberdade para conversar e denunciar abusos ou violações de direitos.

3. As identidades de gênero são diversas

As pessoas podem se sentir como uma mistura de ambos os gêneros (masculino e feminino), nenhum gênero, um gênero diferente dos dois tradicionais ou sendo apenas de um gênero. Por exemplo, algumas pessoas podem se identificar como gênero-fluido, o que significa que sua identidade de gênero pode mudar ao longo do tempo. Outras podem se sentir como agêneros, não tendo uma identidade de gênero interna que se alinhe com as categorias regulares. E há quem se identifique como bigênero, sentindo-se confortável expressando dois gêneros diversos, seja ao mesmo tempo ou em momentos diferentes. Essas identidades são parte do que é conhecido como espectro de gênero, que reconhece que a identidade de gênero não é algo binário, mas sim um contínuo no qual as pessoas podem se posicionar em vários lugares. É importante respeitar e validar as identidades de gênero de cada pessoa, pois isso faz parte de quem elas são e como se sentem confortáveis se comunicando no mundo.

4. Educação e conscientização de profissionais de saúde contribuem para a preservação da saúde mental de pessoas trans

É primordial promover a educação e a conscientização sobre questões de gênero e saúde mental entre profissionais de saúde, pacientes e a comunidade em geral. A melhor maneira de alcançar esse objetivo é criar um ambiente psicologicamente seguro, respeitando a identidade de gênero e o nome social e assegurando o acesso a profissionais atualizados. Pessoas trans apresentam taxas altas de depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático ou mesmo suicídio.

5. Acesso a cirurgias de transição de gênero reduzem ansiedade e depressão em pessoas transexuais

Esses procedimentos proporcionam às pessoas trans a oportunidade de alinhar seus corpos à estética da identidade de gênero. São tipos de intervenções cirúrgicas a feminização facial, o aumento ou a retirada das mamas e a redesignação sexual. Estudos mostram que o acesso a cirurgias reduz ansiedade e depressão em pessoas que recorrem à intervenção médica. Apesar de muitas relatarem sentir-se mais confortáveis após a cirurgia, é preciso sempre lembrar que habitar um lugar de tranquilidade com a mente, o corpo e a sociedade é, acima de tudo, amar a si independentemente dos padrões alheios.